

2391
A UNIDADE REFERENCIAL NELSON PEREIRA DOS SANTOS COMO CAMPO DE VIVÊNCIA

ROSA INÊS DE NOVAIS CORDEIRO
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
IACS/ DEPARTAMENTO DE DOCUMENTAÇÃO
RUA PROF. LARA VILELA, 126 – NITERÓI/RJ
igneznovais@uol.com.br

VERA LÚCIA ALVES BREGLIA
UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
IACS/ DEPARTAMENTO DE DOCUMENTAÇÃO
RUA PROF. LARA VILELA, 126 – NITERÓI/RJ
vbreglia@domain.com.br

A aventura pode ser louca, mas o aventureiro tem que ser lúcido.
Chesterton

Resumo: Questões no contexto da sociedade moderna afetam o sistema de ensino como um todo. A universidade um dos componentes desse sistema recebe os ecos das mudanças e tem que repensar uma das suas principais funções: a formação de pessoal. O ensino de terceiro grau tem sido alvo de críticas e a graduação vem buscando um ponto de equilíbrio entre as demandas do mercado e uma formação mais sólida. O que vem se procurando são meios, métodos e uma reflexão em torno das metodologias tradicionais de ensino que tenham como resultado uma formação mais flexível capaz de gerar um profissional capacitado com perfil multifacetado. Nesse horizonte uma das possibilidades mais valorizadas tem sido a da aliança entre ensino de graduação e pesquisa. A suposição é de que por esse caminho vai se dar ao aluno de graduação uma formação que o leve a se individualizar, a pensar criticamente, a gerar novos conhecimentos sob novas formas de trabalho em ambiente que se diferencia da sala de aula. Nesta perspectiva a Unidade Referencial Nelson Pereira dos Santos, provisoriamente instalada na Biblioteca Central do Campus do Gragoatá, da Universidade Federal Fluminense emerge como espaço privilegiado de produção do conhecimento através de trabalho multi e interdisciplinar. Tenta-se melhor conhecer e organizar a obra cinematográfica do cineasta através de sua representação documentária tendo em vista sua disponibilização para a sociedade. A documentação objeto de análise é constituída pelas diversas espécies de documentos gerados para produção dos filmes do cineasta que é também, o resultado de um processo de produção do cinema brasileiro, sendo a Universidade um agente de articulação e de transferência desse processo para a sociedade.

EIXO TEMÁTICO: RECURSOS HUMANOS DA BU

INFOBILA

1 MÚLTIPLAS IDÉIAS, CAMINHOS CRUZADOS

O exercício da docência muitas vezes traveste-se de aventura tantos são os obstáculos, as dificuldades, as dúvidas, as angústias que se impõem aos professores/aventureiros. Não raro o enfrentamento do cotidiano faz mergulhar no tempo e conduz a um universo mítico onde se alternam Esfinges que formulam enigmas, Medusas cujos cabelos ganham forma de interrogações e Antígonas propondo rupturas na tradição.

A realidade é recuperada através da volta à modernidade e da lucidez da fala dos mestres que pensam, refletem sobre o seu ofício e externam preocupações semelhantes. De um lado Picasso (Soto, 1999) que alia o declínio da arte moderna à inexistência de uma arte acadêmica forte e afirma que é “necessário haver uma regra mesmo que seja má”. De outro lado Matisse (1948) que teme que o olhar superficial dos jovens pintores sobre sua obra exerça neles uma influência nefasta e que “ao verem apenas a aparente facilidade do desenho, se sirvam disso como uma desculpa para fugir a certos esforços que considero necessários”. Diz que receia “que os jovens evitem a lenta e penosa preparação necessária a qualquer pintor contemporâneo” (...) e que “este trabalho lento e penoso é indispensável”. A lição está dada: o caminho da excelência passa pelo trabalho responsável, crítica sempre presente, humildade e busca de fundamentos.

A saída pode ser a adoção de um fazer docente revestido de um caráter reflexivo. Admite-se que “o professor bem-sucedido é o que reflete sobre sua ação, (re)pensa seus fundamentos, seus sucessos e fracassos e toma isso como base para alterar o seu ensino” (Silva, 1994, p.40). A partir daí pode-se pensar que experiência e vivência constituem um binômio, guardam uma relação de complementariedade e que fertilizadas resultam em um professor que inova, cria e rejeita tecnicismos. Contudo, essa possibilidade de se transformar e operar transformações vai ficar atrelada à disponibilidade do professor alterar o seu fazer

através “de uma nova leitura de seus fundamentos, de seu saber” (p.46), o que vai ser possível através da pesquisa.

Essa foi a opção das autoras do trabalho, que a partir de múltiplas idéias - Breglia (1990, 1998) e Cordeiro (1990, 1998) - inspiradas no fazer, nas suas práticas, procuraram saber, transformaram-se, transformando inquietações em conhecimento, com base nas pesquisas realizadas. Temáticas diferentes tiveram seus caminhos cruzados através de uma preocupação comum: a formação dos alunos de graduação.

Qualquer discussão sobre formação deve passar necessariamente pela busca de um conceito (de que estamos falando?) e pela observação de um dos componentes do sistema de ensino – a universidade.

Em relação a formação, a identificação de suas raízes etimológicas (Machado, 1967, Cunha, 1982, Bueno, 1965, Heckler, 1984) deixa perceber sua origem no latim *formatione* – confecção, formação, forma, configuração. Também foi encontrada a origem no latim *forma* – molde, figura ou aspecto exterior, maneira, modelo, com o significado de notas individualizantes que distinguem um corpo do outro, um objeto do outro.

Em termos do seu significado entende-se por formação “a constituição de um objeto, de uma sociedade, maneira pela qual se constitui uma personalidade, um caráter, uma mentalidade” (Bueno, 1965), ou “ato ou efeito ou modo de formar; constituição, caráter, maneira por que se constituiu uma mentalidade, um caráter, ou um conhecimento profissional (Ferreira, 1975, p. 645). Se vistas em conjunto, a origem etimológica e a explicitação do significado deixam transparecer uma conotação de construção, mas percebe-se que formação também está vinculada a molde, modelo. A interseção dessas duas facetas do conceito de formação podem ser matizadas com uma breve consulta à literatura.

Em relação à literatura, o recorte feito vai contemplar as idéias geradas por dois autores integrantes da Escola de Frankfurt – Adorno e Benjamim – além de Habermas.

Os conceitos formuladas por esses autores em torno da formação estão impregnados de ceticismo. Sem deixar de levar em conta a ideologia dos autores, as condições de produção desse pensamento, e a época em que foram produzidos, as idéias trabalhadas guardam um quê de atualidade, uma vez que para os autores citados, o conceito de formação está vinculado à organização social do trabalho.

A questão trabalhada por Kant em “O que é esclarecimento?” (1974, p. 100-114) também se põe para esses autores, ainda que com sentido meramente retórico, vazia de compromissos. Se para Kant o homem autônomo se definia pela sua capacidade de legislar sobre si próprio, se reger pela razão e não pela autoridade externa, no mundo contemporâneo o esclarecimento é posto em questão “em face da pressão inimaginável exercida sobre as pessoas, seja simplesmente pela própria organização do mundo, seja num sentido mais amplo, pelo controle planificado até mesmo de toda a realidade interior pela indústria cultural” (Adorno, 1995, p.181).

A centralidade da discussão vai privilegiar a organização social do trabalho no capitalismo tardio, com a conversão progressiva da ciência e tecnologia em forças produtivas. Essa reordenação de forças, altera os referenciais, privilegia uma racionalidade produtivista, e o sentido ético dos processos formativos e educacionais transforma-se em instrumento da economia. Pode-se dizer que “a crise da formação é a expressão mais desenvolvida da crise social da sociedade moderna”(Maar, p.16, 1995)

A justificativa para as dificuldades que Adorno vê em torno da emancipação estão vinculadas a sua própria concepção inicial de educação. Para ele a educação não se traduz em modelagem de pessoas, nem na mera transmissão de conhecimentos, mas na produção de consciência verdadeira. Ele vê nisso mais do que uma importância política, uma exigência política; “a democracia para operar conforme seu conceito, demanda pessoas emancipadas.

Uma democracia só pode ser imaginada enquanto uma sociedade de quem é emancipado” (Adorno, 1995, p.141-142).

As visões de Benjamin (1984) e Habermas (1975) têm um grau de semelhança com a de Adorno. Situam a questão da formação no contexto de uma sociedade industrializada em que as demandas do setor produtivo interferem de maneira negativa, no setor formativo. Mesmo com diferenças de enfoque, ambos observam um saber que se instrumentaliza, que se fragmenta, com reflexos na sua produção e na informação, que assim deixariam de dar um retorno à sociedade. Dessa forma, avaliam que a universidade teria falhado no compromisso e na responsabilidade de fazer trocas com a sociedade.

Mesmo assim, de forma aparentemente contraditória, Benjamin visualiza a universidade como um lugar de possibilidades e deixa a cargo dos estudantes torná-las viáveis. Os pressupostos seriam o de mantê-la como um lugar de permanente revolução intelectual e local de novos questionamentos. Desta maneira, entende que “o estudantado seria considerado em sua função criativa, como grande transformador, cuja missão seria converter em questões científicas, através de um posicionamento filosófico, as idéias que costumam despertar antes na arte e na vida social, que na ciência” (1984, p.37).

Para Habermas (1975, p.145) a tarefa da formação universitária deve se pautar por uma ciência capaz de refletir sobre si mesma. A questão da auto-reflexão tão enfatizada por ele implica em dizer que a ciência que não se pensa, que não se questiona, fragmenta-se e produz um saber instrumental. A formação que advém daí estaria muito longe do preconizado ou seja, que se revista de uma feição crítica, consciente, libertadora. A formação sólida, flexível seria o seu contrário e propiciaria a adaptação ao mercado, sem se submeter a ele.

Os três autores citados mesmo que se posicionem de maneira pessimista com relação ao processo formativo no contexto das sociedades industrializadas, sob a égide do capitalismo tardio, deixam entrever na formação uma possibilidade de transformação, de emancipação.

Mesmo submetido ao sistema, o homem pode escapar às limitações que lhe são impostas e transformar, transformando-se.

Conforme proposto, o entrelaçamento das raízes etimológicas e da fala dos autores citados levam a considerar o processo formativo como individualizante, construindo mentalidades emancipatórias, configurando distinções, abrindo possibilidades de posicionamento autônomo, livre de influências externas.

Hoje pretende-se que a formação se faça sob o primado dos valores e de princípios éticos. Em uma linguagem atual, a formação deveria se revestir de um caráter ecológico, ou seja, possibilitar ao homem a análise e interpretação do meio ambiente, do seu entorno, levando à independência na tomada de decisões e consciente participação comunitária. Mas o processo formativo ainda se vê atropelado por influências externas, sob novas práticas que orientadas pelo pensamento neoliberal, repercutem na universidade, algumas vezes produzindo alterações significativas nas práticas acadêmicas

Assim, pensa-se que a observação de algumas normas que se impõem ao exercício acadêmico, poderão ser de utilidade para orientar ou reorientar a formação na graduação. É importante destacar que mesmo que não explicitamente nomeados, tem-se presente que a formação de recursos humanos para as Bibliotecas Universitárias também tem na universidade seu “locus” de formação, estando portanto seus profissionais, incluídos na discussão.

2 NORMAS E RUPTURAS

O redesenho da cartografia mundial deixa entrever um mundo revirado, pautado pela anomia, onde transparece uma Nova Ordem Mundial em que a moral e a ética cederam lugar à competitividade. A crise do Estado-nação traz em seu bojo uma outra crise - a das instituições que pressionadas pelas novas demandas buscam novos parâmetros de ação.

Nesse contexto, a Universidade não aparece diferenciada e sob tensões, deixa emergir contradições que a afastam de suas propostas originais. Tradicionalmente a Universidade sempre foi reconhecida como local onde se pensa de forma crítica. A consequência natural é o estabelecimento de trocas: produz-se conhecimento, dissemina-se informação sem esquecer a realimentação dessas trocas ou seja, a indispensável interação com a sociedade.

É a ameaça ao estabelecimento das trocas que faz emergir alguns posicionamentos. Um deles parte de Santos (1996, p.25) que a exemplo do meio ambiente, vê a universidade dividida, fragmentada. A universidade reparte-se em atender aos projetos que demandam soluções práticas, técnicas e imediatistas, mas que rendem divisas e redundam em gestões técnicas e racionalizadoras, e manter-se como espaço de reflexão. A universidade atacada pelo cientificismo, corre o risco de sofrer duas perdas irreparáveis: a criatividade e a originalidade; a pesquisa torna-se espasmódica e rentável. Essa é sem dúvida uma ameaça que ao pairar sobre a universidade, também compromete o pensamento aí gerado - a produção do próprio conhecimento.

Ainda nessa perspectiva, Chauí (1999) aponta a Reforma do Estado brasileiro como responsável pela modernização e racionalização das atividades estatais e transformação de direitos sociais (saúde, educação e cultura) em setores de serviços definidos pelo mercado. Com relação à universidade, aponta uma mudança de condição: de instituição social (ação social, prática social) à organização social (prestação de serviços).

A partir daí passa a trabalhar com duas categorias: a universidade funcional e a universidade operacional. A primeira voltada para a formação rápida de profissionais requisitados como mão-de-obra altamente qualificada para o mercado de trabalho. A segunda voltada para si mesma enquanto estrutura de gestão e de arbitragem de contratos. Para a autora “essa universidade não forma e não cria pensamento, despoja a linguagem de sentido,

densidade e mistério, destrói a curiosidade e a admiração que levam à descoberta do novo (...)” (p.3).

Esse novo papel imposto à universidade subverte seu ritmo interno, em nada a identifica com a universidade clássica., voltada para o conhecimento. A origem das modificações está localizada nas pressões e transformações a que vem sendo submetida a universidade. Os modelos são forjados mais em torno das funções que se atribuem à universidade, do que na explicitação de uma idéia, de um conceito. Talvez por isso a universidade venha atravessando um período de crise endêmica. Chega-se a propor que a saída da crise se faça por um mergulho nela mesma, porque se acredita que “em vez de temer a crise, a universidade precisa aproveitar-se dela. Na crise, terá a justificativa de seu papel” (Buarque, 1994, p.32). O aproveitamento da crise pressupõe que a universidade se invente a partir das transgressões que no texto de Buarque adquirem uma conotação de mudança com base em compromissos sólidos e permanentes. É necessário que a universidade se eduque, saia do seu isolamento e busque maior interação com o seu meio ambiente, com os interesses nacionais.

Na realidade a crise tantas vezes mencionada não é localizada, mas mundializada e sobretudo institucional. A solução não vai estar na ocorrência, nem na dependência de procedimentos normatizados. A saída da crise pode estar nas possibilidades que se oferecerem à universidade-instituição de conseguir compatibilizar tradição e adaptação às novas configurações e demandas sociais, e liberar-se das tensões que têm origem nessa contradição.

Imagina-se que uma das maneiras de viabilizar a adaptação aos novos contextos vai se dar via definição de modelos que possam dar novos contornos ao ensino de graduação. Essa proposta teria seu ponto inicial em uma mudança de concepção que vê a graduação como instância de consumo de conhecimento e a pós-graduação como produtora de conhecimento.

A atribuição do mesmo grau de importância ao ensino e à pesquisa, passa por uma revisão didática, pela investigação de novas formas de transmitir e produzir conhecimento no processo de formação na graduação, o que seria dizer que também faz-se necessário identificar de que instrumentos metodológicos que a universidade dispõe e pode colocar em prática.

A associação do ensino com pesquisa na graduação pode ser pensada pela via da construção do conhecimento que se faça de forma conjunta por professores e alunos, a partir dos conhecimentos que possuam, com respeito às suas experiências como sujeitos da história dentro e fora da escola (...) (Kramer apud André, 1994, p.73). O investimento nos saberes de que são portadores faz de ambos sujeitos do diálogo, dispostos à interlocução, o que conduz a ver, fazer e agir diferente. Também possibilita uma ausência da “hierarquização” presente na relação professor aluno; dá nova forma ao espaço/tempo. Essa modalidade de relação produz “auditórios” de falantes/ouvintes e de ouvintes/falantes, espaço privilegiado de fluência (e por que não fruição?) de idéias, reunião de diferenças, resemantização de repertórios, clima ideal para viver e “com – viver”.

3 O ESPAÇO DE VIVÊNCIA

O projeto de extensão Unidade Referencial Nelson Pereira dos Santos (URNPS) surgiu da iniciativa de um grupo de professores do Laboratório de Investigação Audiovisual (LIA), do Instituto de Arte e Comunicação Social (IACS) da Universidade Federal Fluminense (UFF), envolvidos com as áreas de Ciência da Informação, Cinema, Propaganda e Comunicação Visual. Além do grupo de profs integraram a equipe e participaram da pesquisa, alunos bolsistas de graduação das áreas de Cinema e Biblioteconomia

De forma resumida, os programas desenvolvidos pelo LIA objetivam estudos inter e polidisciplinares nas áreas citadas, para o desenvolvimento e aplicação de metodologias de análise de informações textuais e audiovisuais, além da gestão de projetos multimídia que visem a adequação do discurso visual à comunicação interativa. Tais metodologias são pensadas tendo em vista a elaboração de produtos didático-pedagógicos informatizados sobre cinema com as possibilidades das novas tecnologias da informação. Todo o processo desenvolvido nos programas do LIA visam a integração entre alunos, professores e sociedade através de atividades de pesquisa e/ou da extensão.

Tradicionalmente no âmbito das universidades, as atividades de pesquisa e de extensão são formuladas separadamente, porém muitas vezes no campo empírico esta ruptura não ocorre de forma tão dissociada. A concepção e a implantação da URNPS, só foi possível porque era fundamentada em pesquisa desenvolvida por Cordeiro (1999, p.62) na qual se discutiu o princípio da “árvore genealógica do filme”. Por outro lado, o surgimento e o desenvolvimento de um trabalho integrado por professores e alunos de diversas áreas do saber, só foi possível mediante um espaço em que cabia a interlocução de conhecimentos e o aprender de vivências e de convivências.

Entretanto, esta experiência do investigar, do aplicar, do extensionar e da interlocução não é uma prática comum, vivida em muitos espaços da universidade, na qual vigora, pelas razões mais diversas, a “sociedade do espetáculo” (Debord, 1998), embora o discurso dominante seja o da inter e a polidisciplinaridade e da integração das forças de poder.

O paradoxo entre a riqueza de discurso e a pobreza da prática talvez deva-se ao fato de que o exercício interdisciplinar guarda uma certa complexidade. A interdisciplinaridade se constitui de ações complexas e muito criativas. Tem-se a interdisciplinaridade como princípio mediador de comunicação entre diferentes disciplinas, não cabendo jamais ser elemento de redução a denominador comum, mas elemento teórico-metodológico da diferença e da

criatividade. A interdisciplinaridade é o princípio da máxima exploração das potencialidades de cada ciência, da compreensão e exploração de seus limites, mas acima de tudo é o princípio da diversidade e da criatividade.

Além de forjar esse conceito, Etges (1995) vê uma forma de exercício interdisciplinar que nomeia de estranhamento ou deslocamento. Esclarece que nessa modalidade o pesquisador põe seu sistema de proposições em um contexto que lhe é estranho; fora de seu contexto ele começa a ser capaz de colocar novas questões, que jamais lhe viriam à cabeça e agora passam a sacudir o seu pequeno mundo.

Em uma outra concepção, o processo de construção interdisciplinar tem um duplo movimento: em um primeiro momento o diálogo da aproximação e da possibilidade que leva a uma busca de aprofundamento das disciplinas no que tange aos conceitos mais fundamentais. Depois, é o momento da busca de síntese que se apropria de “fragmentos convergentes”, conseguidos sobretudo na transitividade e complementaridade dos conceitos. Desta forma, há uma busca de encontros através de questões comuns e a construção de um saber que se supera e se amplia em relação à disciplina original (Minayo, 1995, p.75).

Levando em conta os profissionais envolvidos, suas áreas de interesse e os objetos em estudo, a URNPS vem se constituindo em espaço privilegiado da prática interdisciplinar pois reflete a experiência “em que a colocação do objeto na fronteira de duas ou mais ciências as obriga a somarem seus esforços para, redefinindo o objeto, criarem uma nova perspectiva científica (Amaral, 1992, p.104).

O projeto teve como objetivo inicial desenvolver uma base de dados referencial sobre a obra do cineasta, contendo a representação descritiva e temática dos diversos tipos de documentos (textuais, visuais e audiovisuais) que pudessem ser coletadas nas diversas Unidades de Informação e Empresas Jornalísticas, localizadas no Rio de Janeiro. As etapas previstas na coleta teriam que viabilizar o levantamento, a localização e a representação

documentária dos materiais bibliográficos e audiovisuais produzidos sobre a obra do cineasta, e também os materiais que fossem localizados e resultantes do seu processo de produção de filmes, tais como: cartazes, stills e outros. Assim, seria possível no contexto filmográfico as noções de sobrecidade (tematicidade/aboutness) desenvolvidas na literatura no contexto da informação científica.

Também seriam testadas questões referentes a critérios para elaboração de resumos com estruturas e conteúdos diversos. O instrumento de coleta-representação desenvolvido, deveria permitir que a heterogeneidade dos documentos levantados fosse representada de forma descritiva, temática e integrada em um único instrumento, sem entretanto, o conteúdo informativo ser prejudicado. Outro aspecto considerado na coleta-representação, foi a possibilidade de inclusão de diferentes pontos de acesso para recuperação da informação. Trabalhou-se com a suposição de um perfil de usuário (uso potencial) agregado a variável potencial informativo dos documentos.

Itens referentes a localização e condições de acesso ao documento fonte foram incluídos no instrumento.

Como consequência ao trabalho que se desenvolvia e pelo grande interesse que filmografia do cineasta desperta, começou a germinar no espaço onde a equipe de pesquisa estava desenvolvendo a URNPS, a possibilidade de criação de um núcleo de interessados em refletir e pesquisar a obra cinematográfica do cineasta, devido também ao curso de Graduação em Cinema e Vídeo da UFF, no qual por muitos anos o cineasta lecionou.

Durante o desenvolvimento do projeto, houve a possibilidade da transferência provisória para a UFF da documentação gerada pelo cineasta na produção de seus filmes que é também, o resultado de um processo de produção do cinema brasileiro. Fazem parte dessa documentação os argumentos, sinopses, roteiros, análises técnicas de roteiros, planos de filmagem, fotografias de

cenar, slides e outros documentos gerados durante a atividade de pré-produção/produção/pós-produção/comercialização-distribuição-exibição do filme (Cordeiro, 1988, p.101).

De uma forma geral, tem sido uma preocupação constante alertar sobre o não recolhimento de acervos dessa natureza e da dispersão da documentação que é gerada no processo de produção dos filmes brasileiros. A preservação, organização e disponibilização de arquivos particulares, não se constitui entre nós uma prática comum. Quase sempre, sua organização é feita de maneira intuitiva, excluídos os princípios arquivísticos. Esse procedimento dificulta o acesso dos arquivos para a pesquisa.

O tratamento técnico da documentação (família de documentos gerados para o filme) tem sido de importância fundamental para o aprimoramento do conhecimento das áreas envolvidas. Embora este trabalho não tenha como objetivo detalhar as considerações técnicas a que se chegou, ora confirmando ora alterando algumas questões analisadas de forma diferente em outras áreas e contextos do conhecimento, é importante ressaltar as singularidades observadas nos seguintes aspectos: quanto a forma de produção de um filme e como consequência a natureza dos documentos/informações geradas; a sistemática de arranjo dos documentos (organicidade dos conjuntos documentais); ao processo de análise e tradução das informações para uma linguagem documentária em cinema; a dinâmica das necessidades de uso da informação; as condições de preservação e restauração dos documentos de diferentes suportes e tamanhos.

Entretanto, o desenvolvimento desta atividade só foi possível nas circunstâncias descritas, devido a Universidade ser um agente de articulação de diferenças, na qual é possível promover a circularidade entre o ensino, pesquisa e extensão, e a circularidade entre as áreas do conhecimento envolvidas, e a circularidade dos níveis do saber dos envolvidos.

É importante destacar que a inter e polidisciplinaridade também foram possibilitadas devido a natureza temática da filmografia do cineasta. A extensa obra de Nelson Pereira dos

Santos é inegavelmente polidisciplinar o que possibilita sua relação com a literatura através importantes adaptações para o cinema (*Vidas Secas*, *Memórias do Cárcere*), com as manifestações populares (*Amuleto de Ogum*, *Na Estrada da Vida*), com a etnografia e a história (*Como Era Gostoso Meu Francês*), com questões étnicas (*Tenda dos Milagres*), com a tradição melodramática latino-americana (*O Cinema de Lágrimas*).

Através da análise e tratamento dos documentos do acervo outras perspectivas de estudos se apresentaram: evolução gráfica das fotos de cena e dos cartazes, a ressonância dos filmes em momentos-chave da história contemporânea brasileira, a evolução das idéias cinematográficas no país. A obra e a atuação do cineasta são uma página importante da modernidade brasileira. Seus filmes não deixam de retratar o homem brasileiro e seus conflitos políticos, sociais e econômicos.

Resultaram deste projeto três grandes ações polidisciplinares: a exposição na UFF intitulada “Nelson Pereira dos Santos, Cinema de Papel: Documentos e Imagens”; mostra de filmes e vídeos no Centro Cultural Banco do Brasil denominada “Plano Geral: Nelson Pereira dos Santos”; demonstração da home-page da URNPS e do CD-ROM “Rio Quarenta Graus”.

Seria impossível fechar o relato da “aventura” sem mencionar sua inspiração: a formação da graduação. Ficaria sem nexos, deixar de mencionar a vivência dos alunos-bolsistas na Unidade.

À experiência do desenvolvimento de um trabalho articulado pela vivência participativa entre alunos e professores nas atividades de pesquisa e de extensão, somaram-se vivências singulares na formação dos alunos e no repertório dos professores. Entre essas, pode-se destacar que os alunos bolsistas passaram a entender de forma mais consistente a estrutura e a dinâmica que regem as ações realizadas na Universidade, quanto aos seus aspectos administrativos, técnicos e éticos.

Vivenciaram, ainda, a importância da reelaboração do saber social e técnico. Puderam entender o compromisso da Universidade e em particular, de um projeto de âmbito social e cultural, com o acesso e uso da informação, possível somente através da criação de mecanismos que disponibilizem as fontes de informação. Questões que levam a ver informação como possibilidade de modificar comportamentos e modos de pensar.

Talvez seja prematuro fazer afirmações contundentes sobre os reflexos da experiência vivida na formação dos alunos. No entanto, não há nenhum cuidado em afirmar que experimentou-se a transgressão, tentou-se viver a mudança. Quem sabe, uma ruptura dentro da norma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.p.139-184: Educação - para que?
- AMARAL, M. T. Esboço inicial de uma "Genealogia da Transdisciplinaridade". **Revista TB, Rio de Janeiro**, v.108, n.5/8, jan./mar. 1992.
- ANDRÉ, Marli E. D. A de Formação de professores em serviço: um diálogo com vários textos. **Cad. Pesq.**, São Paulo, n.89, p.72-75, maio, 1994.
- BENJAMIN, W. **Reflexões**: a criança, o brinquedo, a educação. São Paulo: Summus, 1984. p. 31-41. A vida dos estudantes.
- BREGLIA, Vera Lucia A. **A comunicação da informação na Residência Médica**. Rio de Janeiro. 1990. Dissertação (Mestrado em Comunicação: área Ciência da Informação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro , IBICT, CNPq.
- _____. **A formação acadêmica na graduação**- contribuição do PIBIC para a relação ensino x pesquisa. Rio de Janeiro, 1998. Projeto de Qualificação aprovado em Exame de Qualificação ao Programa de Pós-Graduação do Departamento de Educação, da PUC-RJ.
- BUARQUE, Cristovam. **A aventura da universidade**. São Paulo: UNESP,Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- BUENO, Francisco da S. **Grande dicionário etimológico prosódico da Língua Portuguesa**. São Paulo: Saraiva. 1965.
- CHAUÍ, Marilena. A universidade operacional. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 9 maio 1999, Mais, p.3.
- CORDEIRO, Rosa Inês de Novais. **Descrição e representação de fotografias de cenas de filmes**: esquema facetado e em níveis. 1990. 191p. Dissertação (Mestrado em Comunicação: área Ciência da Informação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, IBICT, CNPq.
- _____. **Representação integrada da documentação fílmica, critérios e princípios de análise da informação**. 1998. 238p. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- CUNHA, Antonio C. da. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- DEBORD. A sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1998.
- ETGES, Norberto J. Ciência, interdisciplinaridade e educação. In: JANTSCH, Ari P., BIANCHETTI, Lucídio (Orgs.) **Interdisciplinaridade**: para além da filosofia do sujeito. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 51-84.

- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- HABERMAS, J. **Théorie et pratique**. Paris: Payot. 1975. p. 153-163: La démocratisation de université: une politisation de la science
- HECKLER, E., BACK, S., MASSING, E.K. **Dicionário morfológico da Língua Portuguesa**. São Leopoldo: Unisinos, 1984
- KANT, E. Resposta à pergunta: Que é esclarecimento? ("Aufklärung). In: LEÃO, Emmanuel Carneiro (Org.). **Textos seletos**. Petrópolis: Vozes, 1974. p. 100-114.
- MAAR, W. L. A guisa de introdução: Adorno e a experiência formativa. In: ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. p. 11-28.
- MACHADO, José Pedro. **Dicionário etimológico da Língua Portuguesa**. Lisboa: Confluência; São Paulo: Horizonte, 1967.
- MATISSE, Henri. **Carta**. Vence, 1948.
- MINAYO, M. C. Interdisciplinaridade: uma questão que atravessa o saber, o poder e o mundo vivido. **Medicina**, Ribeirão Preto, v. 24, n. 2, p. 70-77, abr./jun. 1991.
- SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo**. Globalização e Meio Técnico-Científico Informacional. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SILVA, Maria Helena G.F. Dias. Sabedoria docente: repensando a prática pedagógica. **Cad. Pesq.**, São Paulo, n.89, p.39-47, maio, 1994.
- SOTO, Ernesto. O gênio que tinha força. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 25 jul. 1999, Caderno B. p.2